



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6284 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 08 - Educação Superior

POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR E INTERNACIONALIZAÇÃO: SOBRE A QUARTA MISSÃO DA UNIVERSIDADE

Maria de Lourdes Pinto de Almeida - UNOESC - Universidade do Oeste de Santa Catarina

Diego Palmeira Rodrigues - UNOESC - Universidade do Oeste de Santa Catarina

Silmara Terezinha Freitas - UNOESC - Universidade do Oeste de Santa Catarina

POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR E INTERNACIONALIZAÇÃO: SOBRE A QUARTA MISSÃO DA UNIVERSIDADE

A partir da leitura da obra “A quarta missão da universidade: a internacionalização universitária na sociedade do conhecimento” (SANTOS e ALMEIDA FILHO, 2012) que apresenta a internacionalização como a quarta missão da universidade, somando-se ao ensino, a pesquisa e a extensão passamos a nos indagar/refletir se: a internacionalização é a quarta missão da universidade? Assim nosso objetivo neste trabalho é discutir sobre a internacionalização da educação superior representar uma missão adicional para a universidade, utilizando a metodologia histórico crítica pelo viés da revisão bibliográfica.

Desde os primórdios da humanidade há indícios da presença da educação nos jovens. Segundo Bohrer et al (2009, p.2), desde a pré-história seja nas sociedades primitivas selvagens, povos bárbaros ou nas sociedades mais evoluídas, a educação estava vinculada aos modos de convivência. Apesar de não haver o reconhecimento como prática educativa, havia uma distinção entre classes (docente e discente).

Partindo desse contexto, a educação sempre esteve presente nas sociedades desempenhando papéis importantes e de caráter evolutivo para a humanidade. Para Cambi (1999) apud Bohrer et al (2009), com o surgimento das Sociedade Hidráulicas, marcadas pela divisão do trabalho e distinção entre as classes sociais, a educação passou a desempenhar uma função diferente, visto a necessidade da época; sendo uma “institucionalização da aprendizagem num local destinado a transmitir a tradição na sua articulação de saberes diversos: a escola” (CAMBI, 1999, p. 61 apud BOHRER et al, 2009, p.2). Eis então, o início da instituição denominada: escola.

A mais antiga universidade espanhola é a Universidade de Salamanca, fundada em 1218. Do lado Português, é a Universidade de Coimbra que ocupa esse lugar, sendo fundada em Lisboa em 1290. Para Santos e Almeida Filho (2012) essas duas universidades tem destaque histórico pois foi a partir delas que se desenvolveram progressivamente as demais universidades e os centros do saber. Além disso, essas duas universidades estão na liderança de projetos de internacionalização e buscam através deles desenvolver sua própria missão o

que faz delas, atualmente, modelo de estudo.

Ainda na contemporaneidade, as universidades apresentam variedades de formas organizacionais, de objetivos e prioridades; cada qual com seu conjunto de características identitárias. Entretanto, é possível perceber algumas preocupações e tendências comuns, como a ética e a moral, a juventude, sentido de mudança, a incompleta plenitude, a diversidade, ter opções, qualidade e fomentar a internacionalização.

No que se refere à ética e a moral, Santos e Almeida Filho (2012, p.53) afirma que apesar de todas as preocupações as universidades atuais conseguem manter um equilíbrio entre autonomia e compromisso social, além de manter por milênios quantidade de conhecimento acumulado, métodos de trabalho e liberdade intelectual de seus membros sempre tendo como base a ética e a moral. Com relação à juventude, é a renovação de idade, de ideias e de mentalidades que garante as universidades dinamismo e jovialidade.

Neste sentido, a mudança permanente fez com que as universidades se adaptassem a evolução do mundo e mantivessem sua autonomia. Esse sentido de mudança vem ao encontro da incompleta plenitude, onde se procura incessante novos caminhos, novas soluções e como não vive uma plenitude, está sempre sendo capaz de se reinventar e se adaptar. É evidente que cada universidade é diferente e essa diversidade garante experiências variadas que aumentam a probabilidade de encontrar respostas mais adequadas às situações vivenciadas e dessa forma melhorar a qualidade do ensino.

No que se refere à internacionalização, ela trás para a universidade não somente a melhoria do que já existe, mas uma alteração de paradigma num trabalho totalmente inovador.

A globalização tem desempenhado um papel importante sobre os processos de internacionalização, sendo um novo paradigma para as universidades. De certo modo, as universidades sempre vivenciaram um cenário de busca pelo conhecimento, visto esta ser uma das suas missões, porém, no atual contexto há a necessidade de adaptação às novas estruturas de organização das IES.

Segundo Rumbley (2015), a internacionalização é como uma resposta a globalização e uma das questões mais importantes com a qual o ensino superior ao redor do mundo precisará lidar ao longo das próximas duas décadas.

As novas estratégias devem envolver maiores vínculos de pesquisa transnacionais e acordos entre instituições, docentes, pesquisadores e estudantes. Considerando como modelo as instituições de ensino superior de países desenvolvidos, a necessidade de adaptação as novas tendências globais, por parte das universidades latino-americanas é emergente a fim de preencher a lacuna que existe em comparação aos demais países.

Para Santos e Almeida Filho (2012, p. 143) a internacionalização transforma-se em missão quando é capaz de mobilizar de forma intencional e consciente, para com ele atingir os seguintes objetivos: reforçar projetos integradores; dar maior dimensão as suas atividades de formação, de pesquisa e inovação; conduzir uma agenda própria de diplomacia cultural e universitária; contribuir para a consolidação de Espaços Integrados do Conhecimento.

Neste sentido, as universidades têm um papel fundamental para as interações internacionais, de modo que elas passem a fazer parte da vida acadêmica e dessa forma aprimorem o desenvolvimento tecnológico, social, cultural e científico. Ainda nesse contexto, as redes de integração são incentivadoras para a produção científica, de forma que viabilizam publicações de pesquisas que projetam as instituições a nível mundial.

Para Morosini (2006, p.115) a internacionalização da educação superior é um conceito complexo e que teve várias fases de desenvolvimento. No século XX, a internacionalização se chamava dimensão internacional, nesta época se caracterizava por uma fase incidental mais do que organizada. Posteriormente se trava como educação internacional, entre a Segunda Guerra Mundial e o término da Guerra Fria, prevalente nos Estados Unidos. Após esse período, a internacionalização da educação superior, passou a ter características de um processo estratégico ligado à globalização.

Vale ressaltar que, segundo Sebastián (2003) o que contribuiu para o aumento da cooperação entre os pesquisadores de diferentes países, além da fusão científica e tecnológica, foi a abertura política, social e cultural. Neste contexto, a internacionalização relaciona-se não somente aos sistemas de avaliação, mas as políticas científicas que impulsionam as dimensões internacionais de pesquisa.

Segundo Santos e Almeida Filho (2012, p.145) pode-se dizer que existem várias formas de internacionalização, tais como, a mobilidade; a escala e ambição na investigação científica; a internacionalização das atividades de transferência e inovação; a aferição de boas práticas e a diplomacia cultural universitária.

No que se refere à mobilidade acadêmica, sabe-se que ela é um poderoso parceiro da globalização, porque possibilita que as pessoas complementem a sua formação, não apenas científica e técnica mas também linguística, cultural e civilizatória, fato que as tornam cidadãos melhores.

Para Rumbley (2013) a mobilidade acadêmica ainda é o tema mais relevante se tratando de internacionalização, indo ao encontro dos números expressivos relacionados à mobilidade em todo o mundo. Contudo, tem-se notado que outros aspectos estão ganhando destaque, tais como, questões relacionadas a políticas e práticas.

Para Santos e Almeida Filho (2012, p. 147) a internacionalização tem seu máximo desenvolvimento na investigação científica, é através dela que a consciência global se transformará num todo coerente, unindo os milhares de grupos de investigação isolados. Por isso, é necessário definir em comunidade (acadêmica, científica e tecnológica), políticas científicas comuns. Não se deve ignorar os países que falam a mesma língua, mas através dessa circunstância promover iniciativas internacionais.

Outro aspecto se refere à aferição de boas práticas, através desse exercício de comparação cada universidade retira os ensinamentos que puder e os ganhos são indiscutíveis. Neste sentido, estabelecer a diplomacia cultural universitária se faz indispensável. Identificar projetos que tenham objetivos comuns, seja de natureza histórica, artística, científica ou outra é fundamental para o desenvolvimento de relações internacionais. Vários são os exemplos de grupos de universidades que exercem a diplomacia cultural universitária: LERU, UNICA, CLUSTER, Grupo Santander, Grupos Montevideo, Grupos Tordesilhas, Associação de Universidade de Língua Portuguesa, etc.

Para De Wit (2013) o sentido de internacionalização na educação superior é relativamente novo, não tendo mais de duas décadas. O termo utilizado antes era "educação internacional", que buscava englobar uma série fragmentada de atividades internacionais, pouco relacionadas entre si, tais como, "o estudo no exterior, orientação de estudantes estrangeiros, intercâmbio de estudantes e funcionários entre universidades, ensino voltado para o desenvolvimento e estudos de áreas específicas". Ainda segundo o autor, foi somente nas últimas décadas que se iniciou uma transição gradual para o conceito de internacionalização da educação superior. Tendo alguns fatores fundamentais,

[...] como a queda da cortina de ferro, o processo da unificação europeia e a crescente globalização de nossas economias e sociedades – desempenharam um papel nesta transferência de uma noção fragmentada e marginal de “educação internacional” para o conceito da internacionalização mais integrado, ou seja, abrangente. (DE WIT, 2013)

Postiglione e Altbach (2013) afirmam que o professorado exerce um papel primordial para impulsionar a internacionalização, de modo que são eles que atuam em sala de aula, que criam currículos, participam de pesquisas, recebem estudantes estrangeiros, publicam em revistas internacionais e assim por diante. Sem o empenho e participação plenas dos docentes, a internacionalização fica fragilizada.

Para Morosini (2006, p. 109) "foi a partir da década de 1990, com o processo de globalização, que a internacionalização da educação superior vem se fortificando no panorama mundial" tanto na pesquisa e como no ensino. Segundo a autora, as estratégias de internacionalização marcam os anos de 2004 e 2005 e estão voltadas ao ensino; além disso, neste período, cresceram o número de produções científicas que abordam estratégias de internacionalização, tais como, "em nível de estudantes, seu aprendizado, a construção de sua identidade e sua adaptação social; currículos internacionalizados, e desenvolvimento tecnológico para apoio à internacionalização, entre outros".

O papel central desempenhado pela internacionalização na contemporaneidade, é nos planos estratégicos das universidades, nas declarações da política nacional para o ensino, declarações internacionais e em artigos acadêmicos. Contudo, segundo Knight (2012) existem cinco aspectos que merecem destaque quando se fala em internacionalização e que são baseados no artigo "Cinco mitos da Internacionalização", onde se questiona a ideia da internacionalização como substituta da qualidade, o papel desempenhado pelos estudantes estrangeiros, os acordos institucionais, a certificação internacional e a internacionalização enquanto estratégia para atingir posições elevadas nos rankings.

O primeiro aspecto se refere a necessidade de aprimorar, mas respeitar o contexto local; segundo Knight (2012), a internacionalização tem como objetivo complementar, harmonizar e estender a dimensão local. "Se ignorar o contexto local, a internacionalização vai perder seu verdadeiro norte, bem como seu valor". O segundo aspecto é a internacionalização como um processo adaptável, ou seja, não existe um modelo genérico para a internacionalização; "trata-se de um processo de mudança – adaptado para atender necessidades e interesses individuais de cada instituição". Como terceiro ponto seriam os benefícios, riscos e consequências não intencionais; afinal "embora haja múltiplos e variados benefícios na internacionalização, manter o foco somente nos benefícios significa ignorar os riscos e as consequências negativas não intencionais envolvidas". O penúltimo aspecto seria que a internacionalização não se trata de uma finalidade em si. Conforme Knight, (2012) a internacionalização “[...] é um meio para se atingir um objetivo, e não uma finalidade em si mesma”.

Como último aspecto a autora destaca a associação entre globalização e internacionalização. A internacionalização enfatiza os relacionamentos entre nações, povos, culturas, instituições e sistemas; já a globalização se refere ao fluxo de ideias, recursos, pessoas, conhecimentos, serviços, valores, culturas e tecnologia. Ambos os processos estão ligados apesar de serem diferentes.

Em contrapartida, Lee (2013) alerta que é ingenuidade e irresponsabilidade ver a

internacionalização como algo necessariamente positivo, afinal envolve uma responsabilidade social e pedagógica. Outra questão que a autora coloca é que a internacionalização reflete os interesses do país anfitrião, menos do que o espírito de colaboração mútua e intercâmbio cultural. Um exemplo seria o relato de alguns estudantes que reclamam de sofrerem discriminação e que esta partiria do próprio corpo discente e docente; "[...] os incidentes relatados refletem sob muitos aspectos um fracasso do sistema de ensino em educar seus próprios membros quanto ao valor da internacionalização e os benefícios pedagógicos que os estudantes e estudiosos internacionais precisam oferecer".

Além disso, a necessidade de alto produtivismo nas instituições de ensino superior (IES) tem gerado uma "corrida à produção de artigos acadêmicos", induzindo a competitividade frente ao contexto nacional e global. Neste sentido, Vazquez (2015) alerta que as universidades reproduzem práticas da vida política e isso se dá ao fato de vermos essa dinâmica dentro das instituições educativas. Dessa forma, o governo de boa parte das universidades latino-americanas outorga privilégios às minorias, que por consequência são beneficiadas social e economicamente; isso corre também com o acesso e permanência as universidades públicas, com a pouca oferta de ensino de qualidade para os menos favorecidos e ainda há os que frequentam ensino superior privado de baixa qualidade.

Para Botelho (2015) apud Sudbrack E Negro (2016, p. 45) esse pano de fundo interfere nas políticas públicas de educação voltadas à internacionalização, notadamente na educação superior. De modo que o apelo pela produtividade e eficiência vem amparado pelos organismos internacionais, que acabam criando espaço para o "empresariamento" do setor.

Por fim, pode-se concluir que a mobilidade acadêmica é a primeira grande autoestrada para a internacionalização das universidades, sobretudo quando é entendida como a necessidade de uma Sociedade do Conhecimento. Para isso, é indispensável a eliminação de uma série de pequenas barreiras administrativas, financeiras, pedagógicas, linguísticas e culturais.

Vencida a resistência interna das universidades à adoção do novo modelo de pós-graduação e adotada a nova política de internacionalização incentivada inclusive por agências de fomento, consagra-se uma nova hegemonia estrutural nas Instituições de Educação Superior, trazida por meio de medidas tais como convênios de pesquisa, ensino e produção entre Universidades de países diferentes, mobilidade estudantil, pós doutorado, doutorados sanduiches, dentre outras.

Para finalizar se faz necessário retomarmos a pergunta do início deste trabalho e, com base no estudo dos autores apresentados, responder que não, a internacionalização não é a quarta missão da universidade. Entendemos que a missão da universidade esta muito bem demarcada no tripé Ensino, Pesquisa e Extensão e que essas três missões representam grande desafio a ser devidamente vencido pelas universidades que devem ainda buscar uma efetiva e coordenada articulação entre Ensino, Pesquisa e Extensão. Dessa forma discordamos de autores como Santos e Almeida Filho (2012) que colocam a internacionalização como a "quarta missão da universidade". E, ao assumirmos que a internacionalização deve ser um processo, composto de ações e estratégias, que vise atender e servir ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão, ou seja, um meio e não uma finalidade, nos aproximamos de autores como Knight (2012) que afirma que "a internacionalização é um processo ou um meio de aprimorar ou atingir metas".

Portanto a internacionalização não deveria assumir o posto de quarta missão da universidade, pois conforme Knight (2012) a internacionalização "é um meio para se atingir um objetivo, e não uma finalidade em si mesma". Neste sentido, estando as universidades envoltas por tantos processos de mudança, que muitas vezes são justificados por políticas

difusas e medidas instrumentais avulsas, que mesmo na contemporaneidade continuam fortemente marcadas por uma cultura educativa tradicional e também elitista, no cenário que se apresenta atualmente, as universidades confrontam-se com a urgência de reinventarem o seu papel científico, social e educativo, onde a internacionalização complementa o tripé, na medida que acontece acompanhada de um pensamento, de estratégias e de planos de ação amplos, ancorados, entre outros, nos princípios e medidas que compõe o sentido da internacionalização atrelada à emancipação humana.

PALAVRAS-CHAVE: Internacionalização da Educação Superior. Universidade. Missão.

REFERÊNCIAS

BOHRER, Iza.et al. **A História das Universidades: O Despertar do Conhecimento.** Universidade Tecnológica Nacional, Buenos Aires, Argentina, 2009.

DE WIT, Hans. Repensando o conceito da Internacionalização. **International Higher Education.** n. 70, 2013.

KNIGHT, Jane. Cinco verdades sobre a internacionalização. **International Higher Education.** n. 69, 2012.

LEE, Jenny J. The False Halo of Internationalization. **International Higher Education.** n. 72. 2013

MOROSINI, Marília Costa. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior – Conceitos e práticas. **Revista Educar,** Curitiba, n. 28, ed. UFPR p. 107-124, 2006.

POSTIGLIONE, Gerard A.; ALTBACH, Philip G. Professores são a chave para a internacionalização. **Revista Ensino Superior UNICAMP,** 2013. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/international-higher-education/professores-sao-a-chave-para-a-internacionalizacao>

RUMBLEY, Laura E. A internacionalização inteligente: uma questão imperativa do século 21. **Ensino Superior UNICAMP,** 2015. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/international-higher-education/a-internacionalizacao-inteligente-uma-questao-imperativa-do-seculo-21>

SANTOS, Fernando Seabra.; ALMEIDA FILHO, Naomar de. **Internacionalização Universitária na Sociedade do Conhecimento**. Ed. Brasília: Universidade de Brasília; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

SEBASTIÁN, Jesús. **Estrategias de cooperación universitaria para la formación de investigadores en Iberoamérica**. Madrid: Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI), 2003.

SUDBRACK, Edite Maria.; NEGRO, Arnaldo. Internacionalização e Educação: impactos nas políticas educacionais. RP3 - **Revista de Pesquisa em Políticas Públicas**, ed. 7, 1º sem, 2016.

VÁZQUEZ, Jaime Moreles. Del mercado a la desesperanza: La mercantilización de la Educación Superior en el marco del Proceso de Bolonia. In: ALMEIDA, Maria de Lourdes Pinto de.; FAVERO, Altair Alberto.; CATANI, Afrânio Mendes. (Orgs.). **O Espaço Europeu de Educação Superior para além da Europa: apontamento e discussões sobre o chamado Processo de Bolonha e suas influências**. Curitiba: Editora CRV, 2015